

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

**ALINE FERREIRA INÁCIO**

**O ENSINO DA ARTE E OS RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ALUNO CEGO**

**CRICIÚMA**

**2023**

**ALINE FERREIRA INÁCIO**

**O ENSINO DA ARTE E OS RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ALUNO CEGO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

**CRICIÚMA**

**2023**

**ALINE FERREIRA INÁCIO**

**O ENSINO DA ARTES E OS RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ALUNO CEGO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestra - (UNESC) - Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Violeta Adelita Ribeiro Sutili - Mestra - (UFRGS)

Prof. Alexandre Rzatki - Especialista - (UNESC)

Aos meus pais. A minha irmã. E as pessoas com deficiência, que lutam dia a dia para terem seus direitos garantidos.

## **AGRADECIMENTOS**

( : : # : : : : : : : : : )

Primeiramente agradeço aos meus pais, por serem minha fonte inesgotável de amor, encorajamento e paciência.

Mãe obrigada por tudo. Pai obrigado por tudo.

A Alice, minha irmã, por ser apenas você e ter me motivado mesmo que você não tenha percebido.

A mim, por não ter desistido.

E agradeço ao meu especial e nunca esquecido “Tio Bone” (in memoriam) por ter sido quem ele foi.

A minha fiel companheira, Fada, por sempre estar ao meu lado.

Aos quintos anos do Colégio UNESC, obrigado por me tirarem da escuridão e fortalecer a cada dia a vontade de ensinar.

A Carol, por ser minha amiga e compartilhar os momentos dentro e fora da universidade.

Agradeço ao Laélcio e Alexandre, por participarem da pesquisa e compartilharem seus desafios comigo.

Aos meus professores que me acompanharam por toda a minha caminhada como acadêmica, muito obrigada.

E a minha orientadora, Silemar, que conduziu o trabalho com muita paciência e dedicação. Muito obrigada.

“Eu sinto que às vezes as pessoas devem ser respeitadas apenas por estarem vivas e existindo.”

Kim Namjoon

## RESUMO

( : : : : : )

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo pensar em uma educação inclusiva, que nos faça refletir em qual posição vem o compromisso com a inclusão dos estudantes, em específico com o aluno cego ou baixa visão, e em como os recursos didáticos devem ser apresentados e debatidos no ambiente escolar. Com a linha de pesquisa em Educação em Arte, do Curso de Artes Visuais Unesc - Licenciatura, a metodologia adotada é a/r/tografia, a qual se torna uma pesquisa viva, se fazendo presente no campo a ser realizada a pesquisa. Nesse sentido, tomando como centro da proposta o aluno cego ou baixa visão e os recursos didáticos para a sua inclusão, refaço o problema que conduz esta pesquisa: **Quais as possíveis relações entre a inclusão dos alunos cegos e de baixa visão com os recursos didáticos, na fala de dois adultos cegos, e como essa fala pode nos auxiliar para melhor compreendermos o papel da arte na educação?** O diálogo teórico acontece com Barbosa (2012), Carneiro (2013), Ferraz e Fusari (2010), Freire (1992), Larrosa (2002), entre outros, buscando assim estreitar a relação entre arte, ensino da arte, inclusão e vida. A coleta para a entrevista foi realizada com duas pessoas cegas. Início a pesquisa de forma a identificar memórias no tempo da escola, e em quais as possibilidades os recursos didáticos podem contribuir para a inclusão de pessoas cegas.

**Palavras-chave:** Cego; Ensino da Arte; Inclusão; Memória; Artes Visuais.







## SUMÁRIO

( : : : : : )

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>11</b> |
| 1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....   | 13        |
| 1.2 MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS.....  | 15        |
| <br>   |           |
| <b>2 AS ESCOLAS DE COCAL DO SUL E SEUS ALUNOS.....</b>   | <b>15</b> |
| 2.1 MAPEAMENTO DOS ALUNOS COM BAIXA VISÃO/CEGOS E SURDOS....   | 17        |
| 2.2 O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA<br>SOBRE OS DIREITOS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM BAIXA<br>VISÃO/CEGOS E SURDOS..... | 17        |
| <br>   |           |
| <b>3 O ENSINO DA ARTE E A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM BAIXA<br/>VISÃO/CEGOS.....</b>   | <b>19</b> |
| 3.1 A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL.....  | 20        |
| 3.2 A ARTE CONTEMPORÂNEA E O ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES SOBRE<br>O PROCESSO DE INCLUSÃO.....  | 22        |
| <br>   |           |
| <b>4 MEMÓRIAS DE UMA PESSOA CEGA: ESCOLA E SOCIEDADE.....</b>  | <b>25</b> |
| 4.1 TEMPO DE ESCOLA.....   | 28        |
| 4.2 SUGESTÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA.....   | 29        |
| 4.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RECURSOS DIDÁTICOS: O QUE<br>DIZER?.....  | 30        |
| <br>   |           |
| <b>5 CONCLUSÃO.....</b>  | <b>35</b> |
| <br>   |           |
| <b>6 CONFECÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ALUNOS COM BAIXA VISÃO<br/>E CEGOS.....</b>   | <b>36</b> |
| <br>   |           |
| <b>7 REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>39</b> |
| <b>8 ANEXO.....</b>  | <b>41</b> |

## INTRODUÇÃO

( : : : : : : : : : : : : : : )

Estreitar a relação entre as pessoas e a arte<sup>1</sup> é o papel de quem se propõe ser professor ou professora de Artes<sup>2</sup>, acredito. Como acadêmica do Curso de Artes Visuais Licenciatura UNESCO, temos que pensar sempre neste desafio. As questões aqui presentes trazem a figura do aluno com baixa visão ou cego para as aulas de Artes, em específico na área em que venho estudando, ou seja, as artes visuais. Meu questionamento sobre o tema se inicia quando paro para lembrar os anos em que minha irmã que possui surdez e que frequentava a escola, fazendo uso de aparelho auditivo e não contava ainda com uma lei que garantisse seus direitos. Quais os direitos de aprendizagem dos alunos com deficiências? Quais os direitos dos alunos com baixa visão ou cego?

Retomando a história com minha irmã, e suas dificuldades, as quais acompanhei de perto, observo como tudo no começo era como um grande borrão e hoje já vejo como a possibilidade de aprendizado. Pensando também no meu tio Laélcio, que ficou cego em consequência do glaucoma acentuado aos 18 anos, fico imaginando como seria trabalhar com um aluno com essa condição em sala de aula. Em conversas com ele, é possível identificar lacunas que são decorrentes de uma educação individual desses alunos em sala de aula, como a falta de materiais e recursos adaptados, como por exemplo, apostilas sem opção em Braille ou audiodescrição, e legendas. Laélcio vivenciou a educação básica com visão comprometida, mas ainda enxergava, hoje faz graduação em jornalismo e tem feito uso de recursos pouco adaptados para sua condição de cego. Nesse sentido, questiono: como pensar no desenvolvimento escolar desses alunos com deficiência e garantir um aprendizado mais amplo e completo em sala de aula?

Pensar na educação para uma sociedade inclusiva, é pensar que a sociedade estará mais apta a remodelar toda sua estrutura ultrapassada de discriminação, pois as coisas são pensadas para os “que não possuem deficiência”. Depois de alguns anos e refletindo sobre essas temáticas, me questiono se pode ser

---

<sup>1</sup> O termo arte indica a área de conhecimento.

<sup>2</sup> Para a disciplina escolar usaremos a denominação Artes, conforme a resolução nº 1 de 31 de janeiro de 2006 do Conselho Nacional de Educação. (ver resolução na íntegra em [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb001\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb001_06.pdf)).

considerado uma falha também da comunidade escolar e dos municípios e estados, em pouco propor discussões e formações sobre o tema. Os muitos questionamentos têm origem sobre como os professores da minha irmã Alice, e do meu tio Laélio, e de tantos outros não eram informados e instigados em procurar soluções para uma inclusão em sala de aula. Mesmo com as leis que a princípio favorecem a inclusão de pessoas com deficiência, ainda é possível ver um gigante caminho de desamparo à nossa frente. Nessa direção, proponho como **objetivo** desta pesquisa: pensar em uma educação inclusiva, que nos faça refletir em qual posição vem o compromisso com a inclusão dos estudantes, em específico com o aluno cego ou baixa visão, e em como os recursos didáticos devem ser apresentados e debatidos no ambiente escolar.

Considerando a história com a Alice e com o Laélio, não posso desconsiderar os muitos estudantes cegos e surdos que frequentam a educação regular de ensino. O Estado garante que todo aluno tenha direito ao acesso à educação regular e assim, a inclusão em sala de aula, sendo assim, quais são os recursos didáticos para todos os alunos? Portanto, ponto sobre até que ponto o Estado assegura esses alunos em frequentar a escola básica por lei, mas se opõe em certificar a assistência de materiais necessários para uma inclusão mais ampla.

Embora minhas inquietações tragam questões sobre o sujeito surdo e o cego, aqui faço um recorte para esta pesquisa que terá o olhar para com o aluno de baixa visão e cego. Este recorte aconteceu a partir de algumas questões sobre como trabalhar com as artes visuais em sala de aula, atendendo o direito de todos com relação ao acesso ao patrimônio artístico cultural. Como contemplar uma educação inclusiva para esses estudantes e questionar **o que dizem os professores de Artes sobre o desenvolvimento escolar de seus alunos com baixa visão e cegos, considerando um aprendizado mais significativo em sala de aula no município de Cocal do Sul?** Esta é a primeira versão do problema que move o trabalho de conclusão de curso aqui apresentado.

No percurso, apesar de várias tentativas ou mesmo de uma realidade estampada a partir do não reconhecimento de alunos cegos no município, encontro dificuldades em entrevistar professores de Artes, precisando refazer o caminho da pesquisa sem perder o foco do que move essa escrita, ou seja: tomando como



A escolha do município de Cocal do Sul, ao qual vivenciei a experiência de ter sido estudante e também atuar nos estágios obrigatórios, se dá enquanto recorte para o mapeamento de alunos com baixa visão/cegos e deficiente auditivo/surdo, matriculados na rede básica de ensino do município. Mesmo mapeando as duas deficiências, irei me ater com maior atenção ao mapeamento dos alunos de baixa visão e cegos. O mapeamento foi realizado a partir do contato com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Cocal do Sul, em um primeiro momento tive uma conversa informal com o secretário de educação o qual me orientou para que enviasse um ofício oficializando a solicitação para o departamento responsável por esse mapeamento. O ofício foi entregue pessoalmente no dia 12 de setembro de 2023 - período em que desenvolvo esta pesquisa enquanto trabalho de conclusão de curso - para um levantamento dos dados que foi solicitado para a secretaria de educação.

Para o levantamento de dados, busquei identificar o nome das escolas que têm os alunos com baixa visão e cegos e os professores de Artes que trabalham com esses alunos. Nesse sentido, com os dados obtidos, proponho então um questionário com os professores de Artes desses alunos, com o intuito de melhor compreender como é elaborada as aulas e quais os recursos didáticos são utilizados em sala de aula para conduzir esses alunos com autonomia, aprendizado e participação individual?

Além dos professores de Artes que trabalham com esses alunos, realizei uma entrevista com questões não formais (anexo 2), com duas pessoas cegas: um estudante universitário (meu tio Laélío) e um professor de pedagogia (Professor Alexandre) que também é cego. Proponho, assim, ampliar os olhares sobre suas conquistas e os caminhos que auxiliaram vencer as dificuldades como pessoa cega em um ambiente escolar e refletir em como pode ser a elaboração de recursos didáticos para o envolvimento dessas pessoas nas salas de aula. Com esses dois entrevistados, também solicitei a autorização (anexo 3) para o uso de suas falas.

Mapeando esse percurso, fico tomada ainda pela curiosidade de melhor saber dos caminhos metodológicos e encontro na *a/r/tografia* a possibilidade da pesquisa com a relação entre artista-pesquisador-professor. Segundo Dias e Irwin (2013), a *a/r/tografia* pode ser esclarecida como:



aproximadamente 16.821 habitantes e se caracteriza como sendo um município com atividades voltadas para a fabricação e comercialização de revestimentos cerâmicos.

O município de Cocal do Sul, possui um número significativo de escolas, totalizando vinte e uma, sendo municipais, estaduais e privadas, contemplando a educação infantil, fundamental e médio. O município conta com o relatório anual de monitoramento e avaliação do plano municipal de educação de Cocal do Sul do ano de 2015 até 2016, pontuando a necessidade de novas atualizações dos anos seguintes. O documento apresenta a evolução e desempenho das metas dentro do município, monitora o Plano Nacional de Educação – 2014 - 2024 – e acompanha os resultados do Plano. A secretaria de educação do município dispõe também de uma ficha de monitoramento do plano municipal de educação, ao qual é disponibilizado a comunidade apenas com dados do ano de 2017. Esses dados se fazem importantes quando busco saber da inclusão dos alunos cegos e baixa visão, nesse sentido o presente contexto vai orientando, direta e indiretamente o caminho da pesquisa.

Encontro nos planos de ação de Cocal do Sul (2017), referência ao PNE com relação à inclusão dos alunos com deficiência. Uma das referências é a Meta 4 que trata sobre a Educação Especial, que se faz relevante para as questões desta pesquisa, uma vez que diz:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados, de acordo com a legislação vigente. (Brasil, 2014, p. 11)

O Relatório da Secretaria de Cocal do Sul, indica a quantidade de alunos atendidos pelo município nos anos 2015 e 2016 como sendo:

O PNE em Movimento, disponibilizado pelo Ministério da Educação, com dados baseados no PNAD, Censo Demográfico e Censo Escolar, traz a informação de que no Município de Cocal do Sul o percentual da população de 4 a 17 anos de idade, com deficiência, que frequenta a escola é de 91,0%. (COCAL DO SUL, 2017, p.15)

Os 91%, diz respeito aos alunos com deficiência no município, portanto a grande maioria participa da escola, porém não aparece no documento quantos

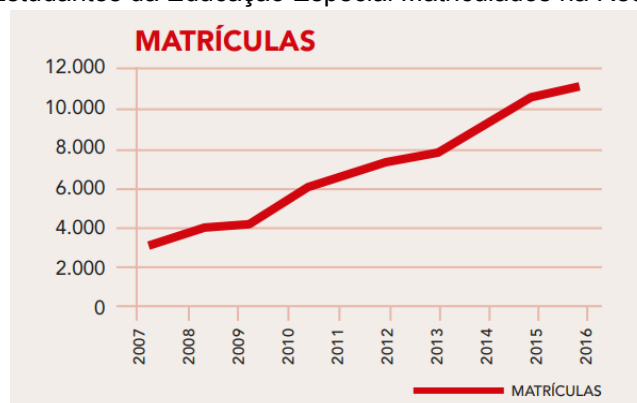


de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação.” Essa lei garante que os alunos surdos e cegos possam disponibilizar de auxílio para a sua inclusão no ambiente escolar. Pensar em inclusão é, como Carneiro explica:

Movimento da sociedade (sociedade inclusiva) voltado para produzir a igualdade de oportunidades para TODOS. Quando focada sob o ângulo individual, a inclusão supõe que cada um tenha a oportunidade de fazer suas próprias escolhas e, em consequência, construir sua própria identidade pessoal e social. A isso, a literatura especializada chama de autodeterminação. (Carneiro, 2013, p.29)

Observando também o caderno de Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina (2018), podemos observar no gráfico 1, retirado do material, aponta as matrículas da Educação Especial nas escolas regulares de ensino, nos mostra como foram os dez anos da sua implantação no Estado. No seu primeiro ano, pode observar o aumento considerável nas matrículas, no ano de 2007, com 3.160 matrículas, foram para 11.140 matrículas em 2016. O aumento dessas matrículas nos mostra a necessidade de documentos mais completos para uma proposta de um currículo mais amplo nas escolas.

Gráfico 1 - Estudantes da Educação Especial Matriculados na Rede Estadual de Ensino.



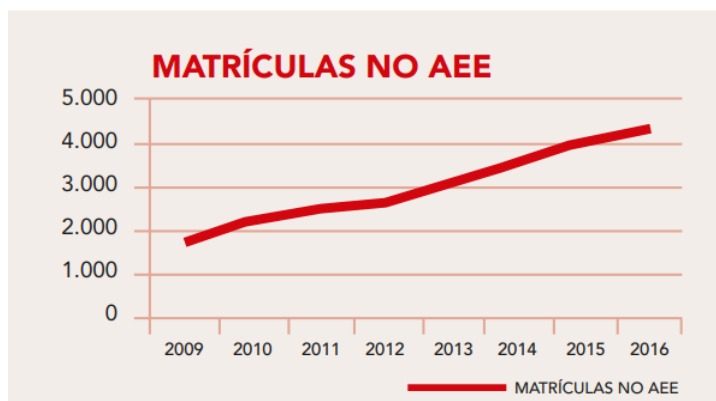
Fonte: Santa Catarina, 2018.

**Descrição do Gráfico 1:** Gráfico desenvolvido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, que apresenta dados sobre os alunos com deficiência matriculados no estado nos anos de 2007 até 2016.

O estado disponibiliza o Atendimento Educacional Especializado, ao qual é oferecido no contraturno, para os estudantes com deficiências, com o objetivo de

complementar seu aprendizado. Observando os dados obtidos no gráfico 2, também retirado do caderno de Política de Educação Especial, é fato que na matrícula do ano de 2009 até 2016, ocorreu um aumento de 158,14% nas matrículas no AEE.

Gráfico 2 - Estudantes Matriculados no Atendimento Educacional Especializado.



Fonte: Santa Catarina, 2018.

**Descrição do Gráfico 2:** Gráfico desenvolvido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, que apresenta dados sobre os alunos matriculados no Atendimento Educacional Especializado no estado nos anos de 2009 até 2016.

Esses dados obtidos já nos apontam a necessidade na direção da melhoria dos recursos didáticos e integração de todos os seus alunos no ambiente escolar, já que são números significativos de matrículas também de pessoas com deficiência no estado de Santa Catarina. O que aponta para a relevância desta pesquisa, entendendo que, embora o município de Cocal do Sul não registrou a presença de um aluno cego ou baixa visão matriculado nas suas escolas, entendo que devemos ficar preparados para que no momento em que tivermos que assumir esse papel de professores e professoras de Artes possamos garantir os direitos de todos os alunos, sem exceção.







infantis, visuais e táteis, com textos também em Braille. Como no site do Sesc (2017), em que apresenta a exposição, o projeto tem “a intenção é provocar reflexões e questionamentos acerca da acessibilidade e inclusão e a importância do ensino de desenho para cegos”. A artista ainda ministrou oficinas onde se fazia o pensar em como incluir as crianças cegas com materiais e técnicas acessíveis. Márcia quer provocar com seus desenhos táteis o imaginário das pessoas cegas, possibilitando o imaginário para um todo com as pontas dos dedos.

**Imagem 1** - Ilustração Mãos Para Ver, Márcia Cardeal



Fonte: Márcia Cardeal, 2015.

**Descrição da Imagem 1:** Ilustração de uma menina deitada/abraçada em uma lua. Aparenta estar dormindo. Seus cabelos são volumosos e ela usa um vestido com desenhos de lua. Há várias outras luas ao seu redor em um fundo todo em azul.

**Imagem 2** - Ilustração Mãos Para Ver, Márcia Cardeal



Fonte: Márcia Cardeal, 2015.

**Descrição da Imagem 2:** Ilustração de uma menina andando de bicicleta, seus cabelos são volumosos. O fundo é todo em azul, com CD's flutuando ao seu redor.

**Imagem 3** - Ilustração Mãos Para Ver, Márcia Cardeal



Fonte: Márcia Cardeal, 2015.

**Descrição da Imagem 3:** Ilustração de um macaco, coelho e várias cobras flutuando juntos. O fundo é vermelho e as cobras se destacam com várias cores juntas.

Durante a mediação, o público vidente<sup>3</sup> é vendado e guiado para a imersão de visualizar as obras e textos, com o sensorial tátil, apenas com as pontas dos

---

<sup>3</sup> Pessoas videntes: Que, ou quem vê; que, ou quem tem visão (por oposição cego)

dedos, desafiando crianças, jovens e adultos para usar a imaginação. Uma experiência que busca auxiliar o espectador a entender e desafiar a necessidade de pensar em como é a inclusão da arte para o cego.

**Imagem 4** - Visita Guiada, Márcia Cardeal



Fonte: Sesc, 2017.

**Descrição da Imagem 4:** Exposição guiada com duas pessoas. Uma pessoa está vendada tocando uma obra com sensorial tátil e a outra pessoa está realizando a mediação.

**Imagem 5** - Visita Guiada, Márcia Cardeal



Fonte: Sesc, 2017.

**Descrição da Imagem 5:** Exposição guiada com duas pessoas. Uma criança está vendada tocando uma obra com sensorial tátil e a outra pessoa está realizando a mediação.



eventualmente, programas que fazem a leitura de telas, para o cego. Sobre a atualidade, é sinalizado em como alguns recursos didáticos podem ser grandes aliados para o desenvolvimento de uma pessoa cega em um ambiente escolar e ou universitário, e como as assistências desses recursos conseguem ser palpáveis e acessíveis para o estudante.

Durante a entrevista com Laélio Inácio, com 54 anos, acadêmico do curso de jornalismo na UNISATC - Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina, ele conta como ficou cego, em decorrência do glaucoma de ângulo aberto, de forma agressiva, onde ocorreu a cegueira. Ele não recorda o ano em que ficou cego, já que causa extremo abalo emocional nele. Laélio, é sincero em seus relatos, sensível e delicado ao relembrar seus anos na escola. Extremamente dedicado como acadêmico, já que relata ser um sonho desde que ainda enxergava. Durante a conversa, pude observar como a inclusão no ambiente universitário, ainda é difícil para ele e a exclusão ainda bate à sua porta. Relata em entrevista que:

*\_\_\_ A experiência de ser um acadêmico universitário sendo cego é algo realmente, no primeiro momento fantástico, porque a gente se sente incluso, incluído. A gente se sente fazendo parte da sociedade, da universidade. (Laelio)*

Mas depois desta fala, ele evidencia como o preconceito ainda está ali, durante o dia a dia, camuflado, mas presente na universidade. Discursos levantados por seus colegas, que ao ser deficiente ele não teria condições de atuar em um ambiente universitário ou até mesmo que suas notas são questionadas por possíveis “benefícios” em parte de seus professores. Relata, ainda, com assiduidade em como alguns professores não conseguem alguns materiais adaptados, como livros, ao qual ele mesmo faz adaptações, como a impressão desses materiais para o Braille ou a cansativa procura por versões em PDF, sem o auxílio desses professores.

A segunda entrevista, com Alexandre Rzatki, com 50 anos, possui graduação em Pedagogia pela UNESC, e tem duas pós-graduações: em Educação Especial e Recursos Humanos. Atualmente atua em uma escola da rede estadual de ensino, no município de Cocal do Sul. Ele conta que ficou cego aos 15 anos, assim frequentando a escola com visão e repentinamente vindo a ser um aluno cego.

Alexandre apresenta fatos sobre a rotina de uma pessoa com deficiência em um ambiente escolar, aponta os métodos de alfabetização de um aluno cego e a

importância de se manter no mercado de trabalho. Ele faz uso de um cão-guia, Dakar, ao qual se faz serena durante toda a entrevista, dentro da escola.

Atualmente, retorna para o ambiente escolar, mas como professor, ele tem satisfação em atender alunos cegos ou baixa visão, Alexandre conta com empolgação em como ele se sente grato em encaminhar esses estudantes já alfabetizados, para a rede regular de ensino. Ele destaca em como hoje, ainda, a exclusão e a falta de investimentos em formação de professores para atuar com sujeitos com deficiência e materiais de trabalho como recursos didáticos para o desenvolvimento da aprendizagem, pensando na inclusão de todos. Ele menciona que:

*\_\_\_ Na escola sempre tem que ter, acessibilidade, integração e a inclusão. Para o aluno ser integrado, a escola tem que ser acessível. E para ele ser incluído tem que ter a integração e a acessibilidade. (Alexandre)*

Sobre o cão-guia, sabemos que são animais que estão a trabalho e não devemos acariciar ou chamar sua atenção, para não prejudicar sua atenção em guiar a pessoa cega. Pensar nisso e relacionar o fato de que Alexandre faz uso desse recurso em uma escola, com crianças, questionei em como funciona o fato de explicar para esses alunos a sua função, ele diz que quando o cão está com o equipamento de identificação, não se deve tocar no cão, apenas quando ela não está a trabalho e ele ainda reforça que sempre pedir autorização para o usuário. Mesmo quando os alunos vão em sua sala, Dakar não é liberada, ela continua em seu trabalho, para não atrapalhar seu desenvolvimento em fornecer assistência para Alexandre.

#### 4.1 TEMPO DE ESCOLA

( : : : : : : : : : : : : : : : : )

A escola é um momento significativo para uma criança, a cada nova vivência no dia a dia escolar, é transformado em descobertas e aprendizados. O tempo passa e a memória fica e para um aluno baixa visão ou cego, pode ser algo desafiador, já que as lembranças podem ser delicadas e definitivas. A memória sempre estará ali, em entender uma cor ou brincadeira, assim como questiona Katia Canton (2009, p.30), que diz: “Seja como um tempo perdido, mas que nunca acaba, seja na forma

de um lugar, de um espaço delimitado por lembranças. Afinal, seria a memória uma questão de tempo ou de lugar?”

No decorrer da entrevista, Laélcio conta seus desafios na escola, como o brincar, que é tão essencial para uma criança e que se torna algo tão desafiador para uma criança baixa visão. Já com seus relatos durante as aulas de Artes, sua fala me faz pensar em como esses alunos necessitam de uma abertura que pode ser mais fragilizada, se não ter o tato necessário, ele diz que

*\_\_\_ As cores, as questões das tintas, dos lápis de cor, a questão dos pincéis etc., já na condição de uma pessoa cega, é tudo uma questão muito de didática, muito descritiva, porque para o cego, a informação é tudo.*

Alexandre, conta como no seu tempo de escola, que se sentia desconfortável, onde muitos levantavam questionamentos de como um aluno cego poderia aprender a ler e escrever, sem enxergar. Ele traz suas memórias do tempo em que estudava nos anos finais, em que as aulas de Artes e educação física não eram pensadas para um aluno cego, Alexandre era encaminhado para uma sala de recurso, onde ficava até o término, sem participar das aulas.

No ensino médio, durante as aulas de Artes, ele se sentiu surpreso, ao perceber que a professora possuía habilidades em dar aulas para alunos com deficiências. Sobre essas aulas, ele menciona que,

*\_\_\_ Usar as mãos, nas aulas de artes, mexer com massas, argilas, tintas e pincéis. Eu me sujava todo, mas aprendia muita coisa na aula de artes.*

Ele lembra com detalhes sobre um desenho ao qual foi realizada a adaptação tátil, em que foram utilizados alguns materiais com texturas. Ele diz,

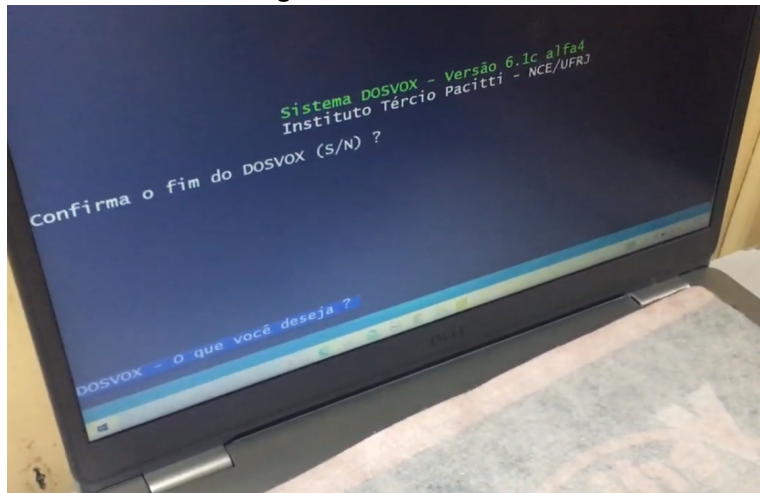
*\_\_\_ A roupa dela toda trabalhada, com lixa, cartolina, diversos materiais. Você passava a mão no cabelo, o que é isso? Ah, o cabelo dela. A roupa, a calça jeans dela era feita com lixa fina, é ter noção, usar outros materiais.*

Na escola, ele conta como os recursos didáticos se faziam presentes, de forma muito limitada, como a Reglete, que é utilizada para a escrita em Braille e que hoje seus alunos têm a possibilidade de fazer uso de materiais completos para a alfabetização.



programas baixados em seu computador, que com o auxílio do teclado é feita a leitura de toda a sua tela, como aponta na Imagem 5 e 6. Assim, suas avaliações, por exemplo, não são questionadas, visto que sua escrita não é alterada, situação que Laélio aponta que pode ser contestada se for outra pessoa repassando suas falas.

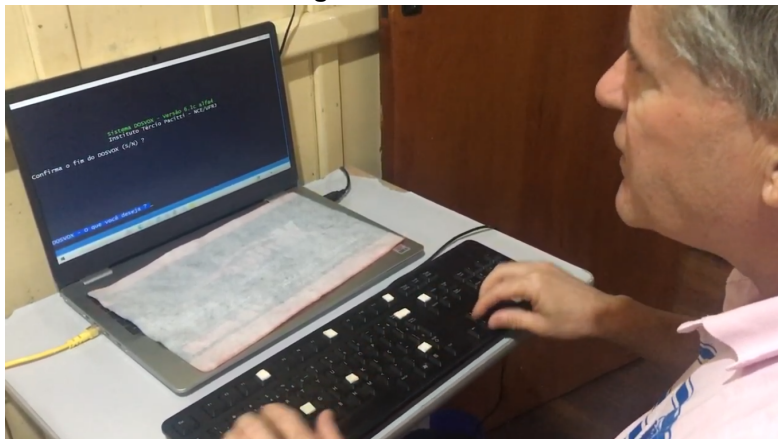
**Imagem 6** - Laélio, Leitor de Tela.



Fonte: Autora, 2023.

**Descrição da Imagem 6:** Imagem de uma tela de computador com o leitor de telas aberto em sua página inicial.

**Imagem 7** - Laélio, Leitor de Tela.



Fonte: Autora, 2023.

**Descrição da Imagem 7:** Um homem está em frente a tela de computador com o leitor de telas aberto em sua página inicial e ele está fazendo uso do computador.

É apontado também a necessidade de mais conteúdos com áudios, disponibilizados pelos professores. Pensando em como as salas de aula devem ser um ambiente em que o aluno se sinta confortável e colocado nesse ambiente. Diz

que, por ser cego, ele acredita que o esforço acaba sendo mais que os outros. Com interações mais constantes, precisa sempre ir perguntando e se fazendo presente. Pode ser observado em como a sociedade ainda caminha lentamente para fazer a inclusão tão mais praticável em seu cotidiano e o preconceito continua forte no dia a dia.

Alexandre, mostra em como os recursos didáticos na escola em que atua como professor, são todos adaptados para cegos e baixa visão, ele se sente confiante em alfabetizar esses alunos com os materiais que está em sua sala, ele conta que:

*\_\_ Eu alfabetizo uma pessoa cega tranquilamente nessa sala, eu faço entrar na escola regular aprendendo a todas as tecnologias assistivas, na questão de orientação e mobilidade com o cão-guia, com óculos OrCam<sup>4</sup>, com facilidade de ler e mais autonomia.*

Quando questionado sobre quais os recursos didáticos que Alexandre mais utiliza hoje, rindo, ele lista:

*\_\_ O cão-guia, o computador, o scanner, os óculos. Tudo tecnologia assistiva. Hoje eu sou o cego mais moderno de Santa Catarina.*

Ele menciona que conseguiu adquirir maioria de seus recursos didáticos, indo firmemente em busca de seus direitos, como uma pessoa cega, como um profissional da educação e como cidadão e faz uso desses recursos para atender seus alunos.

---

<sup>4</sup> Óculos OrCam possui tecnologia assistiva vestível e ativada por voz. Faz leitura instantaneamente de textos e telas, reconhece rostos, cédulas de dinheiros e muito mais. Acessado em: <https://www.orcam.com/pt-pt/orcam-myeye>

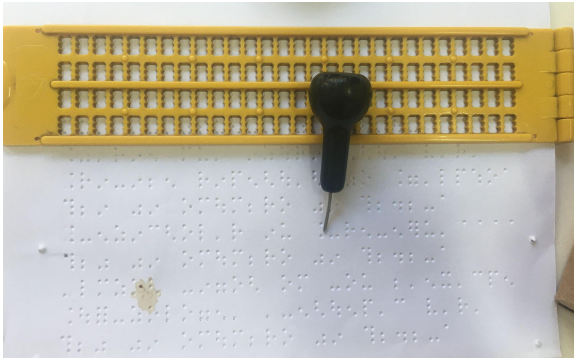
**Imagem 8** - Dakar, cão-guia.



Fonte: Autora, 2023.

**Descrição da Imagem 8:** Um cão-guia está deitado, dormindo em uma almofada para cães no chão. As paredes ao fundo são brancas e tem uma lixeira roxa ao fundo à direita.

**Imagem 9** - Reglete



Fonte: Autora, 2023.

**Imagem 10** - Óculos OrCam.

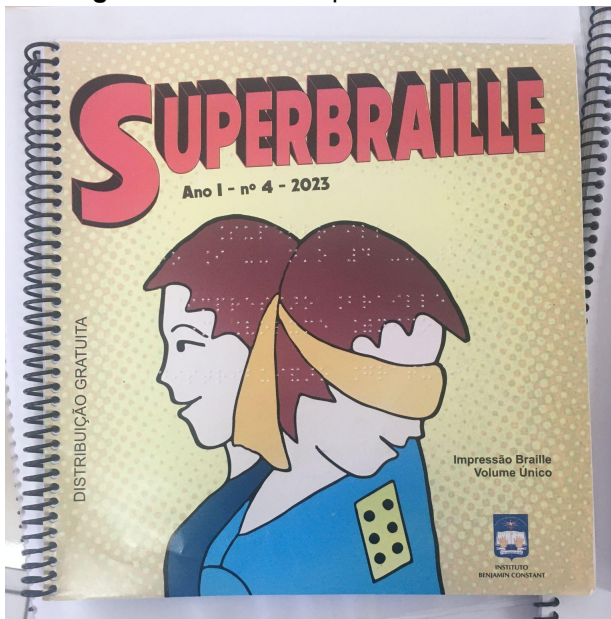


Fonte: Autora, 2023.

**Descrição da Imagem 9:** Reglete amarela usada para a escrita em Braille, está em cima de um papel branco com textos em Braille.

**Descrição da Imagem 10:** Óculos OrCam possui tecnologia assistiva vestível e ativada por voz. Faz leitura instantaneamente de textos e telas, reconhece rostos, cédulas de dinheiros e muito mais.

**Imagem 11 - Livros Adaptados.**



Fonte: Autora, 2023.

**Imagem 12 - Livros Adaptados.**

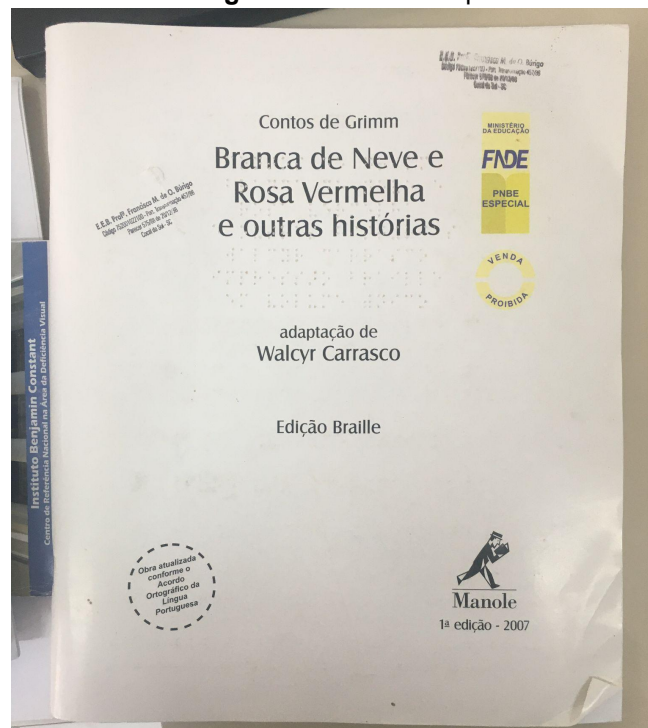


Fonte: Autora, 2023.

**Descrição da Imagem 11:** Livro em Braille SuperBraille. Na capa tem dois meninos e um está vendado.

**Descrição da Imagem 12:** Livro em Braille Pontinhos. Revista Infanto-juvenil para Cegos. Educação, Cultura e recreação. Julho / setembro de 2023. Abaixo tem uma imagem do Instituto Benjamin Constant.

**Imagem 13 - Livros Adaptados.**



Fonte: Autora, 2023.

**Descrição da Imagem 13:** Livro em Braille Contos de Grimm. Branca de Neve e Rosa Vermelha e outras histórias. Adaptação de Walcy Carrasco.

Considerando a pesquisa como algo orgânico, na qual os percursos foram sendo refeitos e os caminhos reconduzidos pelas respostas que muitas vezes não vieram e que assim, também nos revelam o quanto temos ainda para conhecer e desenvolver. Como com relação a secretaria de educação do município de Cocal do Sul que não apresentou retorno do ofício em que era feita a solicitação da relação de matrículas dos estudantes baixa visão, cegos e surdos matriculados na rede regular de ensino, para então ser feita às entrevistas com os professores de Artes desses alunos. Mesmo depois de uma conversa pessoalmente com os responsáveis, a resposta não veio. Analisar esse fato também se faz necessário, mas em meio a realidade atual, na qual os profissionais da educação estão voltados a atualizações de currículos e exigências burocráticas que muitas vezes se fazem estressantes, vamos pensar que esse pós pandemia vem ainda fazendo eco nos percursos na nossa educação. Assumindo a flexibilidade de um caminho percorrido, posso dizer que a entrevista com as duas pessoas cegas se destacou para que pudéssemos encontrar respostas aos questionamentos que movem a presente pesquisa.

Durante as idas e telefonemas a secretaria de educação, senti como o desenvolvimento de uma cidade pode ser comprometida ao que os órgãos do poder executivo do município não apresentam dados de extrema importância para um município seguir aperfeiçoando, onde se diz respeito à educação e saúde. Como os professores da rede municipal recebem formação e capacitação para o ensino inclusivo, se o município possui apenas dados desatualizados?

## CONCLUSÃO

( : : : : : : : : : : )

Ao concluir a seguinte pesquisa pode ser identificado como o município de Cocal do Sul não apresenta muitas mudanças, podendo ser considerada “recente” a aprovação da lei, que é do ano de 2014. Porém, percebo como Cocal do Sul não realizou novas atualizações e levantamentos a partir desse monitoramento, sendo que o PNE estará em vigor até 2024, até suceder a nova atualização. O que me fez olhar para o problema de pesquisa inicial e reformulá-lo para a recondução deste trabalho de conclusão de curso.

A primeira versão do problema foi: **o que dizem os professores de Artes sobre o desenvolvimento escolar de seus alunos com baixa visão e cegos, considerando um aprendizado mais significativo em sala de aula no município de Cocal do Sul?**

Não consegui responder o problema acima citado por conta de não termos o registro de alunos cego ou com baixa visão no município, apenas a confirmação de que em 2024 teremos a presença de um aluno, segundo o depoimento do professor Alexandre.

Nesse sentido, tomando como centro da proposta o aluno cego ou baixa visão e os recursos didáticos para a sua inclusão, refaço o problema que conduz esta pesquisa: **Quais as possíveis relações entre a inclusão dos alunos cegos e de baixa visão com os recursos didáticos, na fala de dois adultos cegos, e como essa fala pode nos auxiliar para melhor compreendermos o papel da arte na educação?**

A conversa com Laélio e Alexandre para a pesquisa, apresenta como os recursos didáticos são essenciais para uma pessoa cega. A necessidade de investimentos e conhecimentos dos professores para fazer o aluno se tornar incluído e integrado em sala de aula, para assim propiciar o desenvolvimento desses alunos como um todo. Pode ser observado como os limites ainda estão por aí, de forma tão visível, o ambiente escolar já se torna dificultoso para alguns alunos, imaginar como ocorreria para um aluno com deficiência e sem os recursos necessários, parece angustiante.

O ensino da arte possibilita o uso do imaginário, do tátil, da experiência, da memória, do explorar e esses alunos necessitam exatamente disso, com o propósito

de serem integrados e pensados para dentro do ambiente escolar. O trabalho de Márcia Cardeal, artista de Brusque - Santa Catarina, somou ao que venho defendendo enquanto acesso e direito ao capital artístico cultural, aos campos de experiências e ao direito de aprendizagem. O trabalho da artista impressionou com sua exposição "Mãos Para Ver", suas ilustrações infantis, visuais e táteis, com textos também em Braille foram abrindo as possibilidades desta compreensão de que o mundo é para todos e todas e que a arte está aí para que tenhamos acesso a ela por direito. Nesse sentido apresento a seguir uma proposta de curso para que possamos pensar junto com professores e professoras alguns caminhos que propiciem a inclusão de todos, em específicos dos alunos cegos e com baixa visão, que é do que este trabalho tem se proposto a melhor compreender.



alunos e o seu desenvolvimento, assim como a BNCC (2018, p.10), nos traz que, “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.”

**Objetivo Geral:** Desenvolver e ampliar os conhecimentos a partir da elaboração de materiais didáticos para alunos com baixa visão e cegos.

**Objetivos Específicos:**

- Apresentar a necessidade de uma aula de Artes para um aluno de baixa visão e cego.
- Reconhecer a carência de materiais didáticos apresentados nas aulas de Artes para um aluno cego.
- Produzir os materiais didáticos.
- Dialogar em como integrar os alunos para uma aula de Artes para todos.

**Metodologia**

Inicialmente será realizado o convite para a oficina de elaboração de materiais didáticos, para os professores do Artes na Escola Polo UNESC, no bloco Z.

Para o primeiro encontro, com duas horas de duração, será apresentado um pequeno contexto da necessidade de recursos didáticos para alunos com deficiência, com foco em alunos com baixa visão e cegos. Mostrar artistas regionais, como Márcia Cardeal, e a importância de suas obras e exposições. Em seguida, promover um debate acerca das experiências desses professores com alunos cegos, se já desenvolveram aulas ou quais as possibilidades para essas aulas de Artes.

Já no segundo encontro, com três horas de duração, esses professores na oficina, desenvolveriam seus materiais didáticos elaborados para um aluno cego. Fazendo trocas com os outros professores, a fim de proporcionar o máximo de questionamentos a fim de entender as necessidades desses alunos em sala de aula.

Para o terceiro encontro, com três horas de duração, os professores de arte apresentarão seus materiais elaborados e compartilham o mesmo. Realizando uma troca de como foi a experiência de criar e explorar o imaginário para um aluno cego,

a partir da ponta dos dedos, do tátil. Criar diálogos em como esses alunos se sentiriam com o material apresentado e quais suas expectativas. Assim finalizando a oficina de confecção de materiais didáticos.

## REFERÊNCIAS

( : : : : : : : : : : : : )

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 126 p.

BARBOSA, A. M.; PARDO, M. F. Arte na educação: interterritorialidade, interdisciplinaridade e outros inter - DOI 10.5216/vis. v3i1.17929. Visualidades, Goiânia, v. 3, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis. v3i1.17929. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17929>. Acesso em: 29 out. 2023.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Planejando a próxima década**: conhecendo as 20 metas do plano nacional de educação. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: [https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf). Acesso em: 29 out. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2009. 64p. (Coleção temas da arte contemporânea).

CARDEAL, Márcia. **Ilustração Tátil**: mãos para ver. Mãos Para Ver. 2015. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/27031301/Ilustracao-Tatil>. Acesso em: 26 out. 2023.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns**: possibilidades e limitações. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 175p.

COCAL DO SUL. Relatório de avaliação - 2016/17. Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura. Plano Municipal de Educação, 2017. Fonte <<https://cocaldosul.sc.gov.br/uploads/sites/410/2023/09/RELATORIO-DE-AVALIACAO-PME-2016-e-2017.pdf>> acesso em 28/09/2023.

Estatuto da Pessoa com Deficiência. – 3. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. 50 p

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa e FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Arte na educação escolar**. — 4. ed. — São Paulo: Cortez, 2010.

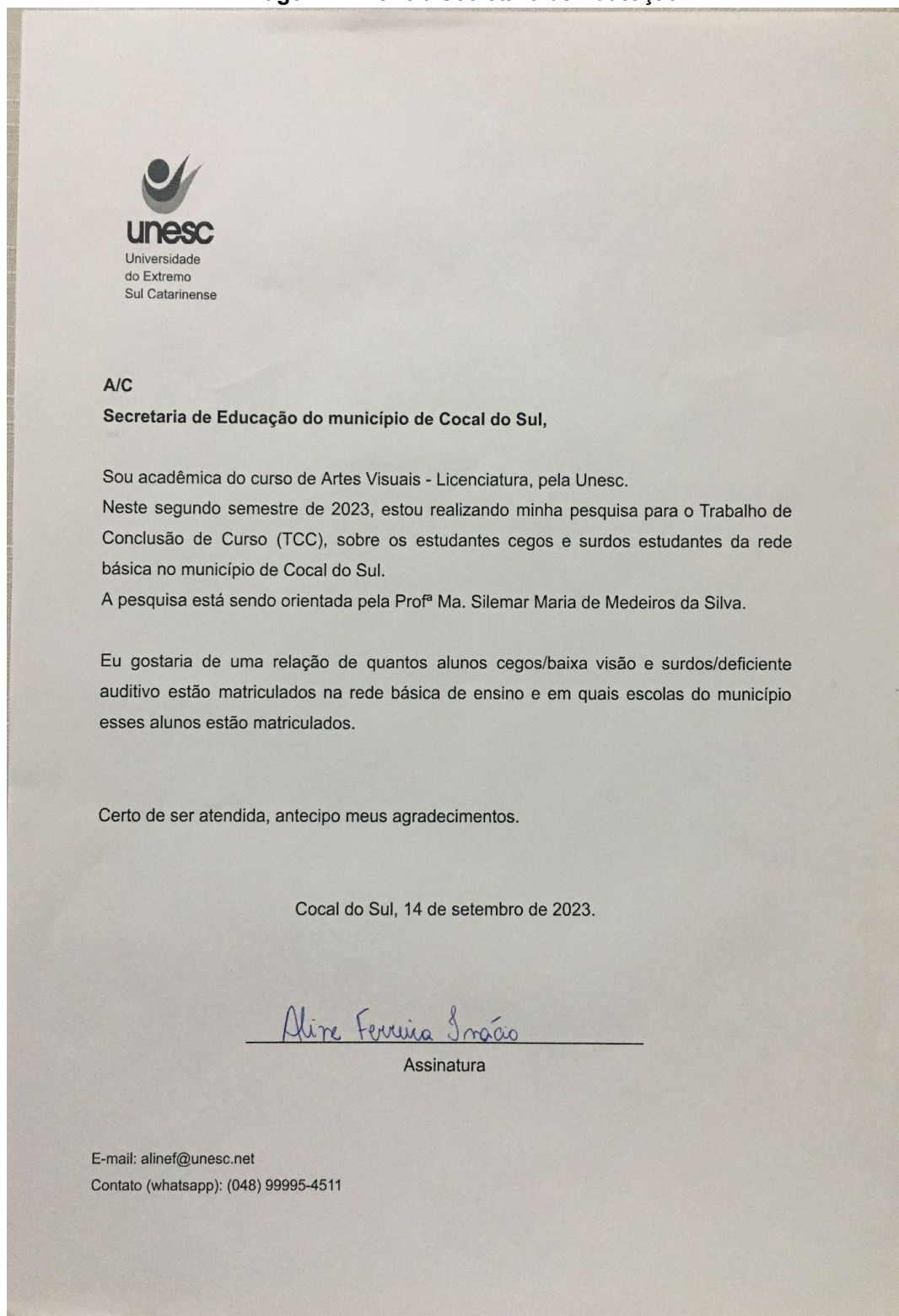
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

KÖPP, Sidineia Luiz; SESC. **Exposição "Mãos para Ver" em Rio do Sul: Mais de mil visitantes já passaram pela Galeria de Artes.** 2017. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/cultura/exposicao-maos-para-ver-em-rio-do-sul-mais-de-mil-visitantes-ja-passaram-pela-galeria-de-artes->. Acesso em: 26 out. 2023.

Pesquisa educacional baseada em arte : a/r/tografia / Belidson Dias e Rita L. Irwin (organizadores) . Santa Maria : Ed. da UFSM, 2013. 244p.

Santa Catarina. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. Política de educação especial / Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação—Florianópolis : Secretaria de Estado da Educação, 2018.

SESC. **Exposição "Mãos Para Ver", com imagens tátil-visuais, abre em Rio do Sul.** 2017. Disponível em: <https://sesc-sc.com.br/cultura/exposicao-maos-para-ver-com-imagens-tatil-visuais-abre-em-rio-do-sul>. Acesso em: 26 out. 2023.

**ANEXO**  
( : : : : : )**Imagem 14 - Ofício Secretária de Educação**

Fonte: Autora, 2023.

**Imagem 15 - Perguntas para Entrevista Alexandre.****ENTREVISTA COM ALEXANDRE RZATKI**

Ficou cego aos 15 anos.

1. APRESENTAÇÃO; (nome, idade, cego desde quando, motivo da cegueira, ficou cego em qual idade, acadêmico de qual curso, etc)
2. COMO FOI SER UM ALUNO BAIXA VISÃO NA ESCOLA?
3. HAVIA RECURSOS DIDÁTICOS-PEDAGÓGICOS NAQUELA ÉPOCA EM SALA DE AULA?
4. COMO FOI APRENDER O BRAILLE?
5. COMO FOI APRENDER A USAR A BENGALA?
6. COMO ERA A CONVIVÊNCIA COM COLEGAS NO AMBIENTE ESCOLAR?
7. COMO ERA AS AULAS DE ARTE NA ESCOLA SENDO UM ALUNO QUE ENXERGAVA E REPENTINAMENTE CEGO?
8. HOJE RETORNAR COMO PROFESSOR, COMO É A EXPERIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR SENDO UMA PESSOA CEGA?
9. OS RECURSOS DIDÁTICOS DO CURSO, CONSEGUEM SER ADAPTADOS PARA UM ALUNO CEGO EM SALA DE AULA?
10. QUAIS AS DIFICULDADES HOJE NA ESCOLA?
11. QUAIS AS POTENCIALIDADES VOCÊ CONSEGUE "VER" HOJE?
12. OS PROFESSORES REALIZAM ATIVIDADES ADAPTADAS OU SÃO ATIVIDADES DIFERENCIADAS PARA O ALUNO CEGO?
13. QUAL O RECURSO DIDÁTICO VOCÊ MAIS UTILIZA?
14. COMO VOCÊ ACHA QUE SERIA HOJE, UMA SALA DE AULA IDEAL PARA UMA PESSOA CEGA/DEFICIENTE?
15. O QUE OS PROFESSORES DEVERIAM SABER AO DAR AULAS PARA UM ALUNO CEGO/DEFICIENTE?
16. COMO É TER UM CÃO-GUIA EM SALA DE AULA, SENDO PROFESSOR?

Fonte: Autora, 2023.

**Imagem 16 - Perguntas para Entrevista Laélio.****ENTREVISTA COM LAÉLIO INÁCIO**

Ficou cego aos 18 anos, por consequência do glaucoma.

1. APRESENTAÇÃO; (nome, idade, cego desde quando, motivo da cegueira, ficou cego em qual idade, acadêmico de qual curso, etc)
2. COMO FOI SER UM ALUNO BAIXA VISÃO NA ESCOLA?
3. HAVIA RECURSOS DIDÁTICOS-PEDAGÓGICOS NAQUELA ÉPOCA EM SALA DE AULA?
4. COMO FOI APRENDER O BRAILLE?
5. COMO FOI APRENDER A USAR A BENGALA?
6. COMO ERA A CONVIVÊNCIA COM COLEGAS NO AMBIENTE ESCOLAR?
7. COMO ERA AS AULAS DE ARTE NA ESCOLA SENDO UM ALUNO BAIXA VISÃO?
8. O QUE O MOTIVOU PARA A ESCOLHA DO CURSO DE GRADUAÇÃO?
9. HOJE COMO ACADÊMICO, COMO É A EXPERIÊNCIA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO SENDO UMA PESSOA CEGA?
10. OS RECURSOS DIDÁTICOS DO CURSO, CONSEGUEM SER ADAPTADOS PARA UM ALUNO CEGO EM SALA DE AULA?
11. QUAIS AS DIFICULDADES HOJE EM SALA DE AULA?
12. QUAIS AS POTENCIALIDADES VOCÊ CONSEGUE "VER" HOJE?
13. OS PROFESSORES REALIZAM ATIVIDADES ADAPTADAS OU SÃO ATIVIDADES DIFERENCIADAS PARA O ALUNO CEGO?
14. VOCÊ POSSUI SEGUNDO PROFESSOR?
15. QUAL O RECURSO DIDÁTICO VOCÊ MAIS UTILIZA?
16. COMO SÃO AS LEITURAS DURANTE O CURSO?
17. COMO VOCÊ ACHA QUE SERIA HOJE, UMA SALA DE AULA IDEAL PARA UMA PESSOA CEGA/DEFICIENTE?
18. O QUE OS PROFESSORES DEVERIAM SABER AO DAR AULAS PARA UM ALUNO CEGO/DEFICIENTE?

Fonte: Autora, 2023.

**Imagem 17 - Autorização para Pesquisa, Alexandre.**

Fundação Educacional de Criciúma - FUCRI  
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC  
Diretoria de Extensão, Cultura e Ações Comunitárias

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA FINS DE  
PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO**

Eu, Alexandre Rzatki, autorizo a acadêmica Aline Ferreira Inácio, estudante do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC a fazer uso de imagens, textos, som e voz do entrevistado acima citado, ao seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: O ENSINO DA ARTE E OS RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ALUNO CEGO.

Sabendo que o nome do entrevistado será preservado, podendo ser alterado para Alexandre, segundo sua vontade.

Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título.

Alexandre Rzatki

Cocal do Sul, 21 de outubro de 2023.

Cidade            dia/mês/ano

Nome do proponente: Silemar Maria de Medeiros da Silva

CPF do proponente pelo projeto: 88802570

**Imagem 18 - Autorização para Pesquisa, Laélio.**

Fundação Educacional de Criciúma - FUCRI  
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC  
Diretoria de Extensão, Cultura e Ações Comunitárias

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA FINS DE  
PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO**

Eu, Laélio Inácio, autorizo a acadêmica Aline Ferreira Inácio, estudante do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC a fazer uso de imagens, textos, som e voz do entrevistado acima citado, ao seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: O ENSINO DA ARTE E OS RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ALUNO CEGO.

Sabendo que o nome do entrevistado será preservado, podendo ser alterado para Laélio Inácio, segundo sua vontade.

Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título.

Laélio Inácio

Cocal do Sul, 06 de outubro de 2023.

Cidade dia/mês/ano

Nome do proponente: Silemar Maria de Medeiros da Silva

CPF do proponente pelo projeto: 88802570

*Silmar*